

A PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO E A HISTÓRIA DA LITERATURA¹

CARLOS ALEXANDRE BAUMGARTEN
FURG

PUBLICAÇÕES EDIPUCRS

- LACERDA, César de. **O Monarca das Coxilhas**. Em co-edição IEL. 1991, 143p.
- MOREIRA, Alice Campos. **Obra Poética Lobo da Costa**. Em co-edição IEL/FAPERGS. 1992, 294p.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
Caixa Postal 1429
90619-900 PORTO ALEGRE - RS
BRASIL
FONE/FAX: (051) 339-1511 Ramal: 3323

A Livraria do Globo, de Porto Alegre, depois Editora Globo, desenvolve no Rio Grande do Sul, especialmente a partir dos anos 40 de nosso século, um amplo e ambicioso projeto editorial, que inclui não apenas a edição de autores locais, algo que já vinha sendo realizado desde as primeiras décadas do mesmo século, mas de escritores e obras importantes no âmbito da tradição cultural do Ocidente. Nesse sentido, são publicadas, entre outras, *A comédia humana*, de Honoré de Balzac, *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, *Aventuras de Pickwick*, de Charles Dickens, e inúmeras narrativas de romancistas expressivos, como Sinclair Lewis, Emily Bront, Somerset Maugham, Pearl Buck e George Orwell. O exame da atuação da Editora Globo revela ainda a criação de duas grandes linhas editoriais vinculadas às chamadas *Coleção Província*, voltada para a divulgação de livros sobre questões sul-rio-grandenses, e a coleção *Biblioteca dos Séculos*, destinada à edição de pensadores, como Platão, Aristóteles, Montaigne e Nietzsche, e de poetas e prosadores estrangeiros.

É também de responsabilidade da Globo a publicação da *Província de São Pedro*, revista de caráter interdisciplinar que, sob a direção de Moysés Vellinho, circulou entre os anos de 1945 e 1957. A *Província*, ao longo de seus vinte e um números, contou com a colaboração de nomes significativos no âmbito da cena intelectual brasileira. Encontram-se nesse caso autores como Paulo Rónai e Otto Maria Carpeaux, responsáveis, em momentos diferentes, por uma seção de título *Letras estrangeiras*, cujo objetivo principal era a divulgação de obras de autores europeus e norte-americanos. Ao lado deles, Guilhermino Cesar, na seção *Livros e idéias*, encarregava-se do exame do movimento literário nacional. Paralelamente a essas colunas de cunho permanente, a revista divulgou textos de poetas como Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Raul Bopp, Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Mario Quintana, Augusto Meyer, entre

¹ Este trabalho constitui parte dos resultados do projeto de pesquisa *Província de São Pedro: importância e significação no contexto da produção intelectual brasileira e sul-rio-grandense*, que vem recebendo o apoio do CNPq.

tantos outros; de prosadores, como Graciliano Ramos, Erico Verissimo, Dyonélio Machado, Marques Rebelo, Ledo Ivo, Reynaldo Moura; de ensaístas, como Afrânio Coutinho, Lúcia Miguel-Pereira, Carlos Dante de Moraes, Olívio Montenegro, Wilson Martins, Roger Bastide e Antonio Candido. A participação desses autores foi, sem dúvida, decisiva para que a *Província* atingisse o objetivo a que se propunha, qual seja o de não...afogar-se nas águas rasas da retórica regionalista,² segundo palavras divulgadas por Moysés Vellinho em editorial.

No campo específico da história da literatura, a *Província de São Pedro* apresenta ensaios de natureza diversa: de um lado, há aqueles que se ocupam da análise do processo literário regional, procurando traçar uma genealogia da literatura sul-rio-grandense, que é examinada em toda sua extensão; de outro, há textos voltados para a reflexão em torno de aspectos referentes à produção literária brasileira como um todo, como é o caso dos seguintes estudos: *O Naturalismo brasileiro*,³ de Lúcia Miguel-Pereira; *Existe uma literatura brasileira?*,⁴ de Afrânio Coutinho, e *A literatura brasileira no século XX*,⁵ de Antonio Candido.

Em *Existe uma literatura brasileira?*, Afrânio Coutinho, a partir de considerações sobre A elegia de abril, de Mario de Andrade, realiza uma breve avaliação do processo literário nacional, anotando a falta de seriedade e responsabilidade intelectual que o vem caracterizando desde as origens. Por essa razão, afirma:

Com exceção de alguns poetas, que ainda têm a seu favor a originalidade dos motivos a disfarçar a pobreza de pensamento e substância; com exceção de muito poucos livros que resistem solitários, como a "palmeira do oásis", não creio que da literatura brasileira se possa dizer que possui personalidade definida e contornos nitidamente diferenciados, digna de concorrer para o acervo literário humano com contribuições de caráter universal.⁶

O quadro nada favorável apresentado pela literatura brasileira é creditado pelo Autor à ausência de substância filosófica, científica e estética que vem marcando a atividade dos homens de letras. Ao lado disso, registra a inexistência de uma prática crítica especializada, já que o ensaísmo crítico é, via de regra, praticado por curiosos que têm por único instrumen-

to a intuição. Em verdade, a preocupação central do artigo de Coutinho está voltada para o debate em torno da questão da nacionalidade da literatura brasileira, aspecto presente na historiografia literária nacional desde as primeiras décadas do século XIX, quando historiadores estrangeiros, como Simonde de Sismondi e Ferdinand Denis, pioneiramente dedicaram-se ao estudo da produção literária dos brasileiros.

O texto de Afrânio Coutinho, porém, deriva por outros caminhos, quando passa a considerar a relação da literatura brasileira com o público. Desconhecida deste, já que feita por e para uma pequena elite de literatos, apresenta-se ela *sem profundidade, sem raízes na alma profunda do povo, (...) e não constitui absolutamente alimento para o espírito, para o senso estético, para as nossas necessidades de compreensão do homem e do mundo*.⁷ Essa realidade é responsável, segundo o Autor, pela predileção que o leitor brasileiro demonstra pela literatura estrangeira e pelo grande número de traduções então publicado por nossas editoras.

O conjunto de deficiências referido leva Afrânio Coutinho a uma conclusão bastante dura e pessimista em relação à produção literária brasileira, pois

O que possuímos como literatura é uma literatura superficial, falsa em alguns aspectos, acadêmica em outros, de intenção e de atitude, resultante de um maneirismo alambicado, sem força criadora, sem caráter, sem personalidade marcada e forte.⁸

Em *O Naturalismo brasileiro*, Lúcia Miguel-Pereira ocupa-se da prosa de ficção brasileira concebida nas duas últimas décadas do século XIX, num evidente esboço do que seria, mais tarde, a sua *História da literatura brasileira – Prosa de ficção: de 1870 a 1920*. Partindo da idéia da existência de um descompasso entre o processo literário nacional e o europeu, já que *o atraso com que foi aqui adotado o realismo é um sintoma do alheamento dos nossos escritores de então não só ao mundo, mas às condições do país*,⁹ a Autora justifica a sobrevivência do Romantismo até o final da década de 70 do século passado.

Além disso, analisando, às vezes pormenorizadamente, as obras que primeiro se filiaram à moda naturalista, anota o caráter artificial por elas assumido, porquanto situaram-se distantes do país, desconhecendo o momento de crise política por que este passava desde o término da Guerra do Paraguai, quando as campanhas abolicionista e republicana desestabilizaram definitivamente o reinado de Dom Pedro II. Assim, os romancistas brasileiros, alheios ao que ocorria no Brasil e aceitando como dogmas as

⁷ *Ibidem*, p. 76.

⁸ *Ibidem*, p. 76.

⁹ MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. Op. cit. nota n. 2, p. 24.

² VELLINHO, Moysés. Editorial. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, n. 1, jun. 1945. p. 6.

³ MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *O Naturalismo brasileiro*. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, n. 5, jun. 1946. p. 24-31.

⁴ COUTINHO, Afrânio. *Existe uma literatura brasileira?* *Província de São Pedro*. Porto Alegre, n. 6, set. 1946. p. 74-77.

⁵ CANDIDO, Antonio. *A literatura brasileira no século XX*. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, n. 19, 1954. p. 69-72.

⁶ COUTINHO, Afrânio. Op. cit. nota n. 3, p. 74.

doutrinas expostas por Zola em *Le roman expérimental*, assumiram uma posição pseudocientífica que representou um pesado fator antiartístico.¹⁰

Por outro lado, o fraco desempenho que a estética naturalista alcançou no Brasil é creditado ao fato de os autores, ao invés de seguirem o melhor Aluísio Azevedo, que está n'*O cortiço* e em *Casa de pensão*, terem adotado como seu modelo *O homem*, pois

o exemplo de Aluísio Azevedo, estudando na *Casa de pensão* e no *Cortiço* o problema das habitações coletivas e de sua influência na existência íntima dos moradores, não teve eco, mas pelo péssimo atalho aberto com *O homem* enveredaram imediatamente muitos romancistas.¹¹

Salvaguardando algumas contribuições de Aluísio Azevedo, Inglês de Sousa, Adolfo Caminha, Domingos Olímpio e Manuel de Oliveira Paiva, muitas vezes por haverem escapado à ortodoxia naturalista, e a produção de Machado de Assis e Raul Pompéia, Lúcia Miguel-Pereira conclui seu ensaio afirmando o artificialismo que marcou a experiência naturalista brasileira, sobretudo pelo fato de os romancistas não lograrem expressar o estado de espírito de seu tempo, visto que

numa nação oscilando entre os riscos do militarismo e a continuação de uma monarquia sem base, sacudida depois por tantas crises, que afetaram a vida particular, os ficcionistas que tinham por dogma a observação só patenteavam uma orientação ideológica: o anticlericalismo; não que o clero constituísse entre nós grave problema, mas porque era combatido em França.¹²

Ao concluir seu ensaio da forma transcrita, a ensaísta retoma, ainda que por via indireta, a discussão em torno do problema da nacionalidade da literatura brasileira, igualmente abordado por Afrânio Coutinho em *Existe uma literatura brasileira?* Em verdade, o que é nacional e o que não é nacional em termos de produção literária brasileira continua na ordem do dia como objeto de reflexão de críticos e historiadores da literatura, mesmo em meados do século XX, época de divulgação dos ensaios publicados em números da *Província de São Pedro*.

O texto de Antonio Candido, dentre os que se dedicam ao exame do processo literário nacional, é o mais significativo, uma vez que os de autoria de Lúcia Miguel-Pereira e Afrânio Coutinho podem ser encontrados, com pequenas modificações, em outras publicações desses autores. O ensaio de Candido, contudo, consultada a bibliografia do autor, mesmo a lis-

tada em *Antonio Candido: a palavra empenhada*,¹³ originalmente uma tese de doutorado sobre sua produção, não aparece citado uma única vez, aspecto que lhe garante uma certa originalidade, a despeito de ter sido divulgado na *Província* em número do ano de 1954.

O ensaio de Candido organiza-se a partir de duas idéias básicas: uma primeira que vê a literatura no Brasil como um fenômeno aglutinador, ou seja, ao longo da história, o pensamento e a sensibilidade têm assumido entre nós invariavelmente uma forma literária, o que leva o ensaísta a afirmar que

Ao contrário, pois, do que sucede noutros países, a literatura é aqui, mais do que a filosofia e as ciências humanas, o fenômeno central da vida do espírito.¹⁴

A segunda idéia, importante no plano da produção historiográfica de Antonio Candido, é a que pensa a nossa história literária como resultado de um movimento dialético entre o localismo e o universalismo, marcado pela tensão entre o dado local, entendido enquanto matéria de expressão, e o elemento universal, herança do colonizador europeu que se apresenta como forma de expressão. Tal circunstância determina que nosso percurso literário

tem consistido numa superação constante de obstáculos, entre os quais o sentimento de inferioridade que um país novo, tropical, de larga mestiçagem, desenvolve em face de países velhos, de composição étnica estabilizada, com uma civilização elaborada em condições geográficas bastante diversas.¹⁵

É provável que o texto publicado na *Província* tenha sido um ensaio de idéia mais tarde desenvolvida em profundidade na *Formação da literatura brasileira*,¹⁶ que teve sua redação final três anos mais tarde, segundo palavras do próprio autor. Em sua obra mais extensa no campo da história literária, Candido, ao promover a revisão da historiografia tradicional, vale-se da relação dialética entre o local e o universal para resgatar o Neoclassicismo do século XVIII como passo importante na busca da autonomia literária nacional. O mesmo procedimento pode ser visto no que diz respeito ao diálogo entre Brasil e Portugal, entendido no ensaio presente na publicação sulina como um dos caminhos pelos quais tomamos consciência de nós mesmos.

¹⁰ Ibidem, p. 30.

¹¹ Ibidem, p. 28.

¹² Ibidem, p. 31.

¹³ PEDROSA, Célia. *Antonio Candido: a palavra empenhada*. São Paulo: EDUSP; Niterói: UFF, 1994.

¹⁴ CANDIDO, Antonio. Op. cit. nota n. 4, p. 69.

¹⁵ Ibidem, p. 69.

¹⁶ CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira. Momentos decisivos*. São Paulo: Martins, 1959.

O texto da *Província* se, por um lado, aponta para a revisão de idéias consagradas pela tradição, por outro, promove a reafirmação de conceitos nela presentes, como é o caso daquele que situa o momento culminante de nossa afirmação nacional na independência política e no nacionalismo político do Romantismo. Nessa perspectiva, o que se tem é a reiteração de idéia presente em toda a historiografia e crítica produzidas no curso do movimento romântico, em autores como Santiago Nunes Ribeiro, Joaquim Norberto, entre tantos outros.

O exame da literatura brasileira do século XX, século que, segundo Candido, *encontra nossa literatura plenamente formada e, por alguns lados conformada*,¹⁷ registra a existência de duas fases: uma, compreendida entre 1900 e 1922; outra, a partir da Semana de Arte Moderna. A primeira fase seria caracterizada pela presença de tendências de caráter diverso: de um lado, um formalismo naturalista, dominante, com foros de literatura oficial; de outro, um espiritualismo estético, com intenção renovadora, mas sem força para renovar. O balanço que faz da literatura brasileira das duas primeiras décadas do atual século não é nada lisonjeiro, pois

vemos, depois da inquietação, da rebeldia, da paixão formal e universalista de Tobias Barreto, Sílvio Romero, Machado de Assis, Raul Pompéia, Nabuco, Olavo Bilac, sobrevir uma literatura satisfeita consigo mesma, sem revolta e sem abismos. Sua única mágoa, não parecer inteiramente européia; seu esforço mais tenaz, conseguir pela cópia o equilíbrio e a harmonia do academismo.¹⁸

Em resumo, os primeiros vinte anos do século XX caracterizam-se como uma fase de acomodação, em que o diálogo com Portugal se abrandou e a produção literária assume um tom universalista, contrapondo-se, de acordo com o movimento pendular anteriormente referido, à literatura das décadas anteriores.

A partir de 1922, com o Modernismo, *literatura de movimento*,¹⁹ os autores brasileiros mais uma vez voltam-se para o elemento local, buscando nele encontrar forças para a renovação. O movimento modernista, segundo Candido, *inaugura um novo momento na dialética do universalismo e do particularismo*,²⁰ pois importa (...) na libertação duma série de recalques históricos, sociais, étnicos, que são trazidos em triunfo à tona da consciência literária.²¹ Tal atitude de triunfo marca o fim do sentimento de inferioridade em relação a Portugal, àquela altura já superado, e, ao mes-

mo tempo, garante originalidade ao Modernismo face à dialética do universalismo e do particularismo.

Enquanto as manifestações particularistas anteriores, por não conseguirem resolver a ambigüidade que marca nossa formação (herança cultural européia, lugar de mestiçagem racial, país tropical, etc), recorrendo, por isso mesmo, não raro à idealização de nosso homem, o Modernismo rompe definitivamente com esta tradição, uma vez que *as nossas deficiências, reais ou aparentes, são reinterpretadas como superioridade*.²² Nessa medida, se ao tempo de Bilac e Afonso Celso *tudo aqui é belo e risonho*,²³ a partir dos modernistas enfatizam-se a rudeza e os perigos que a natureza tropical representa. Além disso, o negro e o mulato são incorporados como tema de inspiração, e o primitivismo deixa de ser visto como obstáculo à produção cultural.

A consideração do Modernismo nestes termos leva Antonio Candido a situar no centro do movimento o *Macunaíma*, de Mário de Andrade, pois este

compendiu alegremente os nossos ditados, as lendas índias, as obscenidades, os estereótipos negativos desenvolvidos na sátira popular, a atitude em face do europeu – mostrando como a cada valor aceito na tradição acadêmica e oficial correspondia um valor equivalente e recalçado na tradição popular, que precisava adquirir estado-de-literatura.²⁴

Definida a importância do Modernismo e da obra de Mário de Andrade, Antonio Candido apresenta uma proposta de periodização para o movimento, que compreende três fases: uma primeira, de 1922 a 1930, marcada pela luta, pelo caráter agressivo, pelo escândalo, mas cuja *alegria turbulenta preparou no Brasil os caminhos para a arte interessada e a investigação histórico-sociológica do decênio de Trinta*,²⁵ que corresponde à segunda fase. A partir de 37, com o advento do Estado Novo e, a seguir, com a eclosão da Segunda Grande Guerra, observa-se um arrefecimento no ímpeto das fases anteriores, uma volta às preocupações de natureza puramente estética e um desencanto do radicalismo político e literário, elementos a sinalizarem para uma nova fase, a terceira.

Ao final do ensaio, embora se mostre cauteloso, Antonio Candido arrisca uma avaliação da cena literária brasileira do início dos anos 50, ao afirmar que

¹⁷ CANDIDO, Antonio. Op. cit. nota n. 4, p. 69.

¹⁸ Ibidem, p. 69-70.

¹⁹ Ibidem, p. 70.

²⁰ Ibidem, p. 70.

²¹ Ibidem, p. 70.

²² Ibidem, p. 71.

²³ Ibidem, p. 71.

²⁴ Ibidem, p. 71.

²⁵ Ibidem, p. 71.

Ainda é cedo para caracterizar historicamente o atual período em nossa literatura. Não é difícil todavia perceber que ela se apresenta em retração, meio desiludida dos caminhos nem sempre artísticos do mundo.²⁶

A leitura do texto de Antonio Candido, como se pode ver, mais uma vez reafirma o caráter interdisciplinar que caracteriza toda sua produção, que associa a Estética à História, à Sociologia e à Antropologia. Apesar de concebido há quarenta anos, o ensaio mostra-se atual na avaliação, embora sucinta, que faz do percurso literário brasileiro, notadamente no que diz respeito ao Modernismo e seus desdobramentos. De natureza e intenção exclusivamente historiográfica, o estudo publicado na *Província de São Pedro* revela um historiador militante que, ao refletir sobre a atualidade literária brasileira, recupera o passado e projeta o futuro, estabelecendo, no plano do discurso, um diálogo entre os tempos, como bem observou Célia Pedrosa em *Antonio Candido: a palavra empenhada*.

²⁶ *Ibidem*, p. 72.